

O PODER DA CARIDADE



2091

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

O PODER. DA CARIDADE

TIPOGRAFIA E LIVRARIA BAHIANA
Praça José de Alencar, 19
(Antigo Pelourinho) Tel. 3-58-48.
Salvador-Bahia

Suplemento de
Medicina-Revista

O P'ODER DA CARIDADE

Quando passou pelo mundo
Jesus o filho de Deus
Mostrou diversos milagres
Salvando os devotos seus
E eu vou mostrar um dêles
Agora nos versos meus

Havia um pobre caboclo
Num sofrimento penoso
Além da ignorância
Era fraquinho e medroso
Porém tinha uma bondade
Era humano e caridoso

Vivia com a espôsa
Sem ter riqueza nem nome
Dizia qu'a caridade
É o pão que o pobre come
Dava esmola a quem pedisse
Embora passasse fome

Perto ao caboclo morava
Um grande rico moderno
Dizia: eu não dou esmola
Nem mesmo ao Pai Eterno
Ele com pobreza e tudo
Vão se estourar no inferno

Porque eu não acredito
Que Deus ajude ninguém
S'Ele tem fôrça apareça
E mostre o poder que tem
Eu só acredito n'Ele
Quando me fizer um bem

Porém Alfredo, o caboclo
Não seguia seu partido
Dizia que acreditava
No Messias Prometido
Por isso era caridoso
Como Deus era servido

Vicente o Capitalista
Respondia: Oh! caviloso
Você faça caridade
Que eu vou ser criminoso
Quero ver como se salva
Sem dinheiro um caridoso

Alfredo então retrucava:
— Não dou valor a dinheiro
Só creio na caridade
Dum coração verdadeiro
Que reconheça na vida
Jesus como timoneiro

Até que Alfredo um dia
Já vencendo a timidez
Se dirigiu à cidade
Send'esta a primeira
Lá pela sua inocência
A Cristo um convite fez

Ele nunca tinha visto
A imagem de Jesus
E quando entrou na igreja
Viu sôbre embaçada luz
Um corpo cheio de sangue
Apregado numa cruz

Nisso entrou um conhecido
Ele disse: Oh! Nicolau
Me diga quem diabo foi
Que teve o gênio tão mau
De pegar aquêle pobre
E apregar naquele pau?

Nicolau lhe disse: Alfredo
Aquêle é o Salvador
Jesus filho de Deus vivo
Nosso amado redentor
Que morreu para salvar
Todo e qualquer pecador

Alfredo disse: E quem foi
Que fêz aquilo com êle?
Nicolau disse: Foi Judas
Que era discipulo dêle
O vendeu por trinta pratas
Por não acreditar nêle

Alfredo olhande inda disse:
—Se eu pegasse êsse inimigo
Matava êle três vêzes
Porém Jesus é amigo
Agora vou convidá-lo
Para almoçar comigo

Triste, inccente chegou
Perto do santo tremendo
Ajoelhou-se rezando
A Jesus se oferecendo
Na santa concentração
Ouviu o Cristo gemendo

Levantando os olhos disse:
— Senhor pelo vosso nome
Eu venho vos convidar
Para matar vossa fome
Vamos almoçar comigo
Comida que pobre come?

Ao ver dêlé Jesus Cristo
Dessa maneira falou:
— Eu aceito o seu convite
Porque precisado estou
Amanhã ao meio dia
Pode esperar que eu vou

Alfredo foi para casa
Mandou a mulher matar
Uma galinha que tinha
Para com Cristo almoçar
No outro dia na hora
Começou a esperar

Com pouco chegou um cego
E pediu uma esmola
Alfredo disse à mulher:
— Tudo a um pobre consola
Dê a êle um pedacinho
Da galinha na sacola

A mulher foi e tirou
Um pedaço da galinha
Quando o ceguinho comeu
Com um pouco de farinha
Agradeceu e saiu
Por uma estrada que tinha

Dai a pouco minutos
Um aleijado chegou
Tornou a pedir esmola
Alfredo a mulher mandou
Tirar outro pedacinho
Da galinha que matou

A mulher tornou tirar
Outro bom pedaço e deu
O aleijado sentou-se
E com farinha comeu
Depois deu graças a Deus
E a esmola agradeceu

Despediu-se e foi saindo
Porem no mesmo momento
Foi chegando outro mendigo
Aleijado e ferido
Cego, sujo, mudo e surdo
Era o rei do sofrimento

Só fêz estirar a mão
Mostrando a fome que tinha
Alfredo chama a espôsa
E disse: Vá a cozinha
Dê a êste novamente
Um pedaço da galinha

Disse a mulher: Dessa forma
Quando o tal Cristo chegar
Já a galinha acabou-se
Não tem o que se almoçar
Só vou dar a êste agora
A ninguém mais posso dar

Mas Alfredo respondeu
—Aqui todo pobre come.
Enquanto tiver galinha
Ninguém sairá com fome
Porque o que Deus me deu
Não há na terra quem tome

Porém não veio mais ninguém
Alfredo não almoçou
Até às quatro da tarde
Por Jesus Cristo esperou
Quando resolveu saber
Porque foi qu'Ele faltou

Assim seguia à cidade
Lá na hora que chegou
Caminhou para a igreja
E lá entrando avistou
Jesus no mesmo lugar
Irritado perguntou

Senhor porque me enganaste?
Não foste almoçar na hora
Estou morrendo de fome
Esperei até agora
Vim saber porque não pude
Suportar mais a demora

Jesus disse: Eu fui três vezes
E você mesmo que diga
Tôdas vezes comi bem
Na sua morada amiga
Gostei da sua comida
Porque enchi a barriga

Alfredo muito espantado
Disse: E como eu não vi?
Só mesmo se o senhor foi
Ao depois que eu saí
Ou foi transformado em outro
Que vi e não conheci?

Jesus repetiu dizendo:
—Lá estive como cego
Outra vez como aleijado
Assim minha cruz carregou
Inda como um ferido
Fui outra vez e não nego

Alfredo disse: Eu me lembro
Que mandei a mulher minha
Oferecer três esmolas
De tudo qu'agente tinha
Assim o senhor serviu-se
A três vezes da galinha

Jesus lhe disse: É verdade
A caridade compensa
Quando é feita por amor
E do jeito que se pensa
Pelo que você me fez
Eu vou dar-lhe a recompensa

Ainda hoje você
Quando em casa chegar
Encontrará tanto ouro
Que não tem com que gastar
E daqui até morrer
Não há quem possa acabar

Alfredo muito contente
Agradeceu soluçando
E saiu com muita pressa
Quando em casa foi entrando
Viu uma ruma de ouro
E a mulher pastorando

A mulher o vendo disse
Fazendo cara de chôro:
—Marido cõrra depressa
E veja que desadôro
Me diga para que diabo
Nós queremos tanto ouro?

Agora vamos viver
Ricos e passando bem
Porém aqui não se dar
Mais uma esmola a ninguém
Da minha casa não sai
Para mendigo um vintém

O homem disse: Mulher
A sua ideia está fora
Agora é que eu dou esmola
Com fé em nossa Senhora
Eu dava quando não tinha
Quanto mais que tenho agora

Na casa que eu governo
Sem comer não sai ninguém
Inda que seja preciso
Eu ir pedir a alguém
Pedirei a quem tiver
Para dar a quem não tem

Quanto mais que não precisa
Na minha vida opulenta
A riqueza que possuo
Quem deu pode dar noventa
E eu dando a todo mundo
Quanto mais der mais aumenta

Vá à casa de Vicente
E diga por desafôro
Que me empreste a medida
P'ra eu medir meu tesouro
Porém peço que não diga
Que é para medir ouro

A mulher correu depressa
Ao rico deu o recado
Porém o capitalista
Ficou impressionado
Disse consigo: O que é
Que Alfredo tem guardado?

Porém foi ver a medida
Com vontade de sorrir
E passou sabão dum lado
Para poder descobrir
O que era que Alfredo
Tinha que ia medir

Mas o outro não deu fé
Da trama que o rico fêz
Mediu o ouro que deu
De medidas vinte e seis
Depois mandou a mulher
Ir levar com rapidez

Porém não deu fé que foi
U'a moeda pegada
No sabão nem a mulher
Viu porque ia vexada
O rico vendo a moeda
Botou o pé na estrada

Chegou e disse: Rapaz
Como melhorou de vida
Onde arranjou tanto ouro
Que precisou de medida
Foi roubado ou foi "botija"
De alguma alma perdida?

Alfredo que era tólo
Contou o que aconteceu
Só não disse das esmolas
Que aos três mendigo deu
O rico sabendo tudo
Para a cidade correu

Seguiu dizendo consigo: *
— Agora é que fico bem
Jesus deu a quele bêsta
Que não tinha um só viatém
A mim Ele vai da ouro
Que dar para encher um trem

Quando chegou na cidade
Para a igreja marchou
Fêz o convite a Jesus
Da forma qu'êlé pensou
Ao ver dêle também
Jesus com gôsto aceitou

De volta chegando em casa
Mandou logo preparar
Um banquete suntuoso
Dois perus mandou matar
Dez galinhas e um boi
Para Jesus almoçar

Comprou um barril de vinho
Duas caixas de cerveja
E disse: Quando Jesus
Chegar precisa que veja
Que na minha casa Ele
Come e bebe o que deseja

Assim ficou esperando
Que chegasse o Salvador
Quando viu chegou um cego
Que lhe pediu com amor:
—Dê-me uma esmola em nome
De nosso Pai Criador

Vicente ficou danado
Assim que avistou êle
Saiu empurrando o pobre
Botou os cachorros nêle
Os cães saíram rasgando
Tirando pedaços dêle

O cego saiu as quedas
E os cães no mocotó
Deixando longe voltaram
Vicente na porta só
Foi chegando um aleijado
Que quem visse tinha dó

Disse: Pêlo amor de Deus
Dê-me uma esmola, patrão
Vicente com tôda ira
Deu no pobre um empurrão
E estumou os cachorros
Sem a mínima compaixão

O aleijado correu
Com os cachorros rasgando
Cai aqui, cai acolá
E o bandido estumando
Atê que os cães voltaram
Êle estava gargalhando

Com pouco mais chegou outro
Mendigo todo ferido
Esse nem pediu esmola
Porque o rico bandido
Estumou logo os cachorros
Antes de ouvir o pedido

Esse saiu novamente
Pelos cães sendo rasgado
Vicente ficou sorrindo
Em ver o pobre chagado
Correr caindo e gemendo
Com o corpo ensanguentado

Depois disse: uma esmola
Eu não dou por desafôro
Pobre, cego e aleijado
De mim só recebe "couro"
Só dou comer a Jesus
E é para me da ouro

Porém chegou quatro horas
E Jesus não foi chegada
Vicente com muita raiva
Foi à cidade vexado
Saber qual foi o motivo
De Jesus lhe ter faltado

Chegando lá perguntou
Jesus disse num gemido:
—Eu estive lá três vêzes
Porém não fui atendido
Você botou-me os cachorros
Veja como estou ferido

Vicente disse: Esperei-o
Até contando os segundos
Porém só vi três mendigos
Feridentos e imundos
Não creio que o senhor fôsse
Um daqueles vagabundos

Jesus disse: Pois fui eu
Coberto naqueles véus,
Quem fizer bem a um déles
Não se senta com os réus
É mesmo que está fazendo
A meu Pai que está nos Céus

Porém siga para casa
Humilde e resignado
Que encontra a recompensa
Do seu maldito pecado
Mas sofra com paciência
Que um dia é perdoado

Vicente saiu correndo
Ao chegar foi avistando
O gado correndo doido
O pasto se incendiando
A casa pegando fogo
E tudo seu se acabando

Só escapou a família
O mais desapareceu
Até o ouro que tinha
No fogo se derreteu
Escravos e animais
O que não fugiu, morreu:

Ele disse: Não tem nada
Ainda estou a vontade
Foi a Alfredo e vendeu
A sua propriedade
Por três medidas de ouro
E foi morar na cidade

Ficou em uma pensão
Porém uma certa hora
Entrou um ladrão no quarto
Roubou tudo e foi embora
Bem cedo o dono da casa
Botou-o de porta a fora,

Ficou Vicente na rua
No mais tremendo soírer
Com a mulher e os filhos
Fazia pena se ver
Dormindo pelas calçadas
Pedindo para comer

Com um ano e poucos meses
Alfredo foi à cidade
E lá encontrou Vicente
Implorando a caridade
Disse: Dê-me uma esmola
Por nosso Deus de bondade

Alfredo compadecido
Foi pedir ajoelhado
Para Jesus perdoar
Aquêlê grande pecado
Ouviu uma voz dizer:
—Ele já está perdoado

Deves agora ajudá-lo
Já que tu confias nêlê
E aquela mesma fazenda
Que já pertenceu a êle
Deves dar-lhe de presente
Pra ser o arrimo dêle

Alfredo voltou e disse:
—Jesus já te perdoou
A fazenda que foi tua
Com todo gôsto te dou
Podes ir pra tomar conta
Teu tormento se acabou

Vicente tomou um choque
Que caiu numa calçada
Levantou-se inda tombande
Com a fala atrapalhada
Perguntou: Isso é verdade
Quê estás com caçada

Alfredo disse: Eu não brinco
Estou dizendo a verdade
A fazenda é tua agora
Com tôda propriedade
Receba como presente
Do poder da caridade

Eu tenho para viver
Ainda duas vivendas
Cem casas de aluguel
Dois armazens e três vendas
Dinheiro, eu tenho que dar
Para comprar dez fazendas

Vicente com a familia
Regressou no mesmo dia
Recebeu sua fazenda
Com tudo que existia
Nunca mais negou esmola
Quando um pobre lhe pedia

Alfredo pegou Vicente
Levou-o à felicidade
Muito embora que sofresse
Em si a perversidade
Isto é para quem merece
Deus mostra a quem não con-
hece
A fôrça da caridade.

F I M

7562

Já estão à venda as hilariantes historias que
satisfará ao mais exigente leitor!

De MANOEL D'ALMEIDA FILHO:

- “O Poder da Caridade”
- “A Mulher que não negava o amor de Deus”
- “Jesus e S. Pedro na casa dos Pobres”
- “A Afilhada da Virgem da Conceição”
- «A Beata Santa, ou o falso Cristo»
- «O Exemplo de um Servo de Deus»
- «O pai que quiz casar com a Filha»

De RODOLFO COELHO CAVALCANTE:

- «O Homem que virou Mulher»
- «As Aventuras e Proezas de Bocage»
- «A Moça que virou Cavallo»

De ANTONIO ALVES DA SILVA:

- «Maria Besta Sabida»
- «O Principe Perdido no Deserto»
- «Clarindo, o Mascate Endiabrado»
- «A Encruzilhada do Amor»
- «As Palhaçadas de João Errado»
- «Os Quatro Amigos Valentes»
- «Entre o Amor e o Perigo»
- «Amor de um Principe Valente»

De AUGUSTO FERRALUSO:

- «Sacrificio de Mãe»
- «Amor, Ciume e Loucura»
- «A Historia da Princeza Corina»
- «A Tragedia Brutal»
- «O Socio do Diabo»

De E. DE SOUZA:

- «O Mundo de Cabeça para Baixo»

À venda com descontos especiais para Revendedores na TIPOGRAFIA E LIVRARIA BAHIANA —
Pr. José de Alencar, 19, (Pelourinho) - Salvador-Bahia

Leia e propague: MODINHA -REVISTA - Uma revista de modinhas?